

Comer na contemporaneidade: heterotopias alcoólicas, excessos do corpo e uma culinária indócil

Eat Nowadays: Alcoholic heterotopias, Body Excesses and an Indocile Culinary

Michelle Cristine Medeiros da Silva

Universidade Federal de Campina Grande – Cuité-PB, Brasil

medeiros.michelle@hotmail.com

Josimey Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, Brasil

josimeycosta@gmail.com

Fecha de recepción: 1 de mayo de 2016

Fecha de recepción evaluador: 2 de mayo de 2016

Fecha de recepción corrección: 3 de mayo de 2016

Resumo

Comer na contemporaneidade, ainda que permeado por diversos fatores, guarda o científico como direcionamento hegemônico: um logos que compreende o bom corpo como o produto de uma saúde moralizada e racional, onde não há espaços para o que Georges Bataille denominou como dispêndios improdutivos. Aos dispêndios cabem a busca dos estados de excitação ilógicos, fora da razão e esgotamento do corpo. Portanto, para além de uma atitude de conservação da saúde, comer, como empreitada humana delineada em uma lei da economia geral, é também uma atividade do excesso. Esse é um dos temas de interesse em *Em busca do tempo perdido* (BTP). Analisar a imbricação entre o álcool e os excessos, a partir do texto BTP, foi o objetivo desta pesquisa. Para isso, foram realizadas leituras da obra e uma posterior sistematização em um arquivo digital que subsidiou a análise. Percebeu-se na Recherche o uso de uma variedade de bebidas

alcoólicas: cervejas, conhaques, cidras, licores, mazagran, glória, vinhos tintos, espumantes, porto. Percebeu-se ainda que o álcool autoriza o acesso do corpo às heterotopias do desvio: os espaços de fora, que localizam indivíduos com comportamento desviantes em relação à norma. Notou-se na obra que o corpo vive a dilapidação do excesso: seja ao consumir o álcool em si, seja ao acessar as heterotopias, sobretudo nas cenas de sadomasoquismo. As práticas de consumo alimentar, como produto humano, guardam não só o nutritivo e a matéria-prima, mas a desnutrição e a excrescência, uma culinária indócil: a compreensão de que tudo que há de mais humano em cada um de nós, a violência, o sadismo, a criação, o amor, também habita um comer para uma gorda saúde. Quando uma culinária indócil promove a saúde deve compreendê-la como a aptidão do sujeito para criar aquilo que falta.

Palavras chave: Comer, Álcool, Heterotopias, Excesso, Corpo, Marcel Proust.

Abstract

Although permeated by several factors, eating is a behaviour that have science as a hegemonic guide: a logo that understand a health body as the result of moralized and rational health care. In this view there are no place for what Georges Bataille called unproductive expenditures, that is, expenditures that look for illogical thrill states, out of reason, capable to lead the body to exhaustion. Therefore, beyond an attitude of health maintenance, eating is outlined as a human endeavour and, as such, is also an activity of excesses. This is one of the topics of interest in *In Search of Lost Time (SLT)*. The main purpose of this research was analyse the link between alcohol and excessive behaviour in the book. To do so, the book was read and organized in a digital file that supported the analysis. In the book, many alcoholic beverages were used beer, cognac, cider, liquor, Mazagran, gloria, red, sparking and port wines. The alcohol allowed individuals to access their body, to access heterotopias of deviation: an outside space, for people with deviant behaviour. Body is degenerated by his excesses: due to alcohol consumption and accessing heterotopias, especially during sadomasochism scenes. Practices of food consumption, as a human product, keep not only the nutritious and raw materials, but innutrition and excrescence as the result of a indocile culinary, which is the idea that our most inhuman traits – violence, sadism, creation and love – are also part of an eating for great health. When a indocile culinary promotes health, it must understand it as the individual hability to create what is missing.

Keywords: Eating, Alcohol, Heterotopias, Excess, Body, Marcel Proust.

A Recherche do álcool e de outros dispêndios

O logos que compreende o bom corpo como o produto de uma saúde moralizada e racional é o que direciona as maneiras do comer na contemporaneidade, o que resulta da hegemonia de um certo saber científico onde não há espaços para o que Georges Bataille (1975, 2013) denominou como dispêndios improdutivos. Aos dispêndios, cabe a busca dos estados de excitação ilógicos, fora da razão e esgotamento do corpo. No entanto, para além de uma atitude de conservação da saúde, o comer como empreitada humana delineada em uma lei da economia geral é também uma atividade do excesso.

Esse é um dos temas de interesse da obra de Marcel Proust *Em busca do tempo perdido*. Gérard Genette (apud Deleuze, 2007: 54) comenta que, “desde as primeiras páginas de *Combray*, o tema do álcool e da sexualidade aparecem de maneira contínua”. Ali, o álcool autoriza a duração de um estado fora da razão. Analisar a imbricação, entre o álcool e os excessos, a partir do texto de Proust, foi o objetivo desta pesquisa.

Em busca do tempo perdido foi, portanto, a obra tomada como corpus de pesquisa. A tradução para o português-Brasil foi utilizada para leitura e citações. A escolhida foi aquela produzida pelos escritores brasileiros nos anos 40: Mário Quintana, Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Lúcia Miguel Pereira. Essa tradução, produzida por autores-tradutores é até os dias de hoje consagrada pela crítica literária (Barbosa, 2012). A edição francesa elaborada por Jean-Yves Tadié e publicada pela Editora Gallimard (1954, atualizada em 1987) serviu como documento para consulta de termos e outros elementos que se fizeram necessários. Além disso, as passagens que emergem como centrais na obra, após a análise, também foram lidas na edição francesa.

A primeira leitura do romance, em seus sete volumes, ocorreu do ano 2012 até agosto/2013. Nesta ocasião, foram realizados grifos no volume de leitura para destacar passagens que tratassem da culinária, não apenas com referência aos alimentos enunciados, mas compreendendo a culinária como sistema cultural alimentar (Fischler, 1995; Lévi-Strauss, 2006). Os grifos compõem um arquivo digital que serviu como material que deu suporte à análise. O arquivo foi construído da seguinte maneira: durante agosto/13 e janeiro/14, foi empreendida uma nova leitura da obra com o objetivo de selecionar os grifos que naquele momento figuravam-se como de interesse para a análise. Após esta leitura, os fragmentos selecionados foram digitados. No momento em que eram digitados, percebeu-se a necessidade de para cada um deles tecer um comentário que oferecesse o contexto da obra onde estava localizada a sentença, uma paráfrase breve do conteúdo ou mesmo uma ideia que surgira neste momento. E, por fim, foi atribuída uma expressão-chave que sintetizasse a ideia contida no trecho de interesse. Por que este fragmento poderia servir a uma análise sobre a culinária em Proust? Essa era a pergunta que se tentava responder à medida que todas estas informações eram organizadas.

O compilado final é composto por 177 páginas, intitulado de meus papeluchos porque são como adendos que se produzem às margens do texto em um processo de busca de interpretação de signos, desta vez, culinários. O arquivo final forma uma espécie um banco de dados que sistematiza as referências à culinária de Em busca do tempo perdido. Após a finalização desta primeira organização, o arquivo foi impresso e percorrido em busca de elementos que auxiliassem na construção da ideia de uma culinária indócil, humana de modo amplo e liberta de certos interditos morais, na obra de Marcel Proust. Foram realizadas marcações com o fim de encontrar categorias analíticas que dessem suporte à análise. Também foram realizadas buscas de pesquisas semelhantes com o fim de garantir a originalidade da ideia de pesquisa. Além disso, estudos proustianos foram elencados para leitura, com o objetivo de fornecer à pesquisa um panorama ampliado das análises clássicas realizadas sobre a obra.

Este ensaio, com o intuito de trazer uma culinária que produz corpos para o dispêndio, organiza seus resultados da seguinte forma: apresenta o personagem da obra que melhor sintetiza a questão dos excessos, o barão de Charlus; elenca o repertório de bebidas alcoólicas encontradas na Recherche; aponta geografias do desvio, as heterotopias, acolhedoras do consumo de excesso; e, por fim, voltando ao personagem Charlus, apresenta um relato de caso sobre essa intersecção álcool e dispêndios nos bordéis proustianos.

A tante Charlus: o invertido

Palamède de Charlus, ou Mémé, como é conhecido em sua família, é um dos personagens mais complexos que rondam o romance proustiano. O Barão de Charlus também é Príncipe de Laumes, mas prefere o título de barão, como explica com ares de aparente simplicidade e muita ironia: hoje em dia todo mundo é um príncipe, precisamos ter algo que nos distinga.

O barão é irmão do Duque de Guermantes, Basin, e cunhado de Oriane de Guermantes, a duquesa, de quem é primo. Ambos foram educados por sua tia, a Madame de Villeparisis, que lhes cultivou um espírito de sensibilidades refinadas, evidente em seus comportamentos em sociedade. Charlus sabe que é reconhecido como árbitro do bom gosto e tira disto grande prazer e motivo para gozo. Dirige, por exemplo, cruéis críticas às recepções da caricata Verdurin. É implacável quando convidado para a garden-party da Sra. Saint-Euverte, responde: “dizem que a infatigável cavadora dá garden-parties, mas eu chamarei aquilo de ‘convites para passear pelas cloacas’”. Quando convidado pela Sra. La Rochefoucauld para seu chá dançante, não perde tempo para responder:

Duvido que pudesse, sem faltar ao decoro, tomar o meu chá dançando (Proust, 2008: 131). Ora, jamais gostei de comer ou beber sem asseio. Você me dirá que hoje já não preciso dançar. Mas mesmo sentado confortavelmente a beber o meu chá – de cuja

qualidade aliás desconfio muito, pois intitula-se dançante – recearia que outros convidados mais moços do que eu, e menos ágeis talvez do que fui na idade deles, entornassem a sua xícara em cima de mim (Proust, 2011, p. 308).

Continua sua intervenção junto à senhora de Montmartre fazendo críticas às xícaras para os cafés gelados, que mais parecem urinóis: “Dê-as de presente a alguma de suas amigas cuja casa a senhora queira enfeiar” (Proust, 2011: 309).

Charlus é dono de uma elegância digna de um dândi. Sua sobriedade no vestir “parecia antes provir da obediência a um regime que da falta de apetite” (Proust, 2006a: 394), visto que em matéria de moda, “ele reconhecia imediatamente aquilo a que ninguém jamais teria prestado atenção” o que rendeu a ele também o apelido de “a costureira” (Proust, 2011, p. 240).

O barão, como Charles Swann, é diletante da cozinha e guarda para com aquilo que come a mesma sensibilidade que tem com as obras de arte, “compreendendo-se assim tudo o que estava entre a pintura e a cozinha” (Proust, 2011: 240). Em um de seus passeios por um restaurante da costa, junto com Charlie Morel, abomina o champanhe servido: “‘Mas eu não tinha pedido champanhe?’ [...] ‘Retire esse horror, que não tem a mínima relação com o pior dos champanhes. É o vomitório chamado cup’” (Proust, 2008: 469).

Como dizia seu irmão, Basin, Charlus era dono de gostos especiais. O que incluía seu gosto para homens. Kristeva aponta que o barão é alimentado por uma clivagem: mesmo que detestasse efeminação, como Marcel comenta nas páginas da Busca, é tributário de uma feminilidade que é histórica (Kristeva, 2005). Era, na verdade, mulher em um corpo de homem e, por isso, o narrador prefere a expressão invertido, ao invés de homossexual. É hermafrodita como os vegetais que abrem Sodoma e Gomorra. É pathos. Representa a impossibilidade de unificar um logos verdade dos amores sexuais da teia proustiana: amores interssexuais, homossexuais e transexuais (Deleuze, 2010).

Charlus é fêmea. Refere-se a si mesmo como tante, que significa ambos: tia e rainha (Proust, 2011: 100). A avó de Marcel, Bathilde, ao conhecê-lo em Balbec, comenta de sua extrema delicadeza e feminilidade. Charlus, como ela, é leitor de Madame de Sévigné. Convida docemente Bathilde e Marcel para um chá: “esta noite tomarei chá, depois do jantar, no apartamento de minha tia Villeparisis. Espero que tenha a bondade de acompanhar-nos com a senhora sua avó” (Proust, 2006a: 401).

Igualmente, em casa da Madame Verdurin, é interpelado por ela sobre o que beberia: “Não provou da minha laranjada?” (Proust, 2008: 424). Então o sr. de Charlus, com um sorriso gracioso, num tom cristalino que raramente tinha e com mil trejeitos da boca e requebros do talhe, respondeu: “Não, dei preferência ao outro, o de moranguinhos, creio eu, é delicioso”. Seria a fraisettes, acompanhada das imagens acopladas à cena, signos desta condição invertida? Hervé Menou caracteriza essa cena como uma ocasião onde se revela a natureza profunda da marginalidade de Charlus e localiza-o como uma

das mais significativas personagens marginais da literatura francesa (Menou, 2003). Roland Barthes fala da fraisette, para Charlus, pedida com voz esganiçada, como um instrumento de leitura que fala sobre a verdade do corpo: “a mulher vinha à superfície” (Barthes, 2003: 111).

Charlus ama rapazes. Ama ser amado por eles e lhe é inconcebível que não os tenha, caso os deseje. Após o retorno de Balbec, onde conhecera Marcel, estava magoado por este não haver respondido às suas investidas. Recebe a visita do narrador em sua casa e insiste: “Traga de beber e mande preparar o cupê. [...] Pois que dizendo que estávamos de mal, fazia-me ficar, beber, convidava-me para dormir na sua casa” (Proust, 2007:609).

Seduzia Marcel. Seduzia, sobretudo, criados. Homens rudes estavam entre as suas preferências. A sua virilidade o encantava. Na festa promovida por Verdurin, ocasião em que lhe é oferecida a laranjada, não perde tempo e interpela os garçons: “Como vai? Recebeu o meu bilhete? Pode vir?”. Charlus conhece o jovem violonista Morel, filho de um velho criado de Adolphe, tio-avô de Marcel. Encontra-o pela primeira vez perto de Balbec, no serviço militar, vestido como soldado. Oferece 500 francos para que o torture (Proust, 2011: 289). Charlus é a alta representação de uma Sodoma proustiana sádica.

Ainda jovem, Marcel voyeur assiste às escondidas um encontro do barão na sala do costureiro Jupien, como assistira à cena que inaugura o sadismo proustiano, a srta. Vinteuil em Montjouvain. Ouvira barulhos violentos que, “se não tivessem sido repetidos sempre uma oitava mais alto por um gemido paralelo, podia eu ter pensado que uma pessoa degolava a outra perto de mim”. E nesta ocasião, no curso do tempo perdido, alcança um de seus aprendizados: só há uma coisa tão ruidosa quanto a dor: o prazer. Deste dia em diante, Jupien foi encarregado da tarefa de encontrar jovens homens, suficientemente vigorosos, para o gosto do barão. O barão lhe oferece dinheiro para que abra um bordel para homens (Proust, 2008: 24).

Charlus é um habitual da casa de rapazes de Jupien. Marcel decide fazer uma visita ao local sob o pretexto de espioná-lo. Chega ao “hotel” e pede uma bebida e um quarto para si. É conduzido ao quarto 43. Bebe o cassis que houvera pedido, sai do seu quarto em busca de Charlus, dirige-se até o último, um aposento isolado no fim do corredor:

‘Beijo-lhe os pés, humilho-me, prometo não recomeçar. Tenha dó de mim’ ‘Não, crápula’, retrucava outra voz, ‘e já que te pões a berrar e a ajoelhar-te, vamos amarrar-te na cama, nada de piedade’, e ouvi estalar uma chibata, provavelmente eriçada de pregos, pois seguiu-se um uivo de dor (Proust, 2013:159).

Ali estava o barão, sendo espancado por Maurice, um dos jovens do bordel de Jupien, 22 anos. Pela clarabóia lateral, vê Charlus ensanguentado e coberto de esquimosos. Entendeu o porquê de o bordel de Jupien ser referido como matadouro. De repente, interrompe-se o ritual. Charlus solicita a presença de Jupien, que “aproximou-se

com ar respeitoso e sorriso cúmplice: ‘Então, precisa de mim?’. O barão pediu-lhe que fizesse Maurice sair um instante.” Charlus reclama da amabilidade de seu algoz. Maurice, do lado de fora, reclama porque é obrigado a bater sem parar, algo muito fustigante neste calor. Jupien lhe oferece, então, um leiteiro, o que Charlus não achava ser o bastante. O costureiro tenta persuadi-lo: “É leiteiro, mas, no fundo, é, sobretudo, um dos mais perigosos dos apaches de Belleville” (Proust, 2013: 153-155).

Charlus é o rei das despesas improdutivas proustianas. Por meio dele, triunfam a morte e a dor. É o ser do excesso, da elevação ao impossível. Desde Bataille sabe-se que o excesso está fora da razão. “A razão se liga ao trabalho, liga-se à atividade laboriosa, que é a expressão de suas leis” (Bataille 2013: 195). Revela desvios próprios de uma economia geral, “onde a despesa ou dispêndio [o consumo] das riquezas é, em relação à produção, objeto primeiro” (Bataille, 1975: 49). Entendam-se as riquezas como aquelas ligadas a uma ética charlusiana de transgressão. Ele deseja estados de excitação ilógicos, esgota a carne, oferece-a como sacrifício, experiência-limite. Para o Sade proustiano, triunfam a dor e o prazer.

Na Recherche, estas são ordens de dispêndio apresentadas, sobretudo, pela tante Charlus e pela escrita do sádico e voyeur Marcel Proust. Marcel Proust, frequentador do bordel da rua de L’Arcade, de Albert Le Cuziat, Proust e sua excessiva masturbação infantil, Proust e suas visitas frustradas a bordéis femininos, Proust e seus estados de excesso, mesmo os da escrita sádica, ativados por opiáceos, barbitúricos, adrenalina. “Marcel Proust provavelmente consumiu mais drogas do que qualquer outra figura na literatura europeia” (Alexander, 2007: 343; 344). Sobre sua relação com Marcel Proust, André Gide comenta que o autor costumava visitar bordéis para homens e pagar jovens garotos para que se despissem e se masturbassem em frente a ele, enquanto ao lado fazia o mesmo. Se o estímulo visual não fosse suficiente, ordenava que fosse adicionada ao cenário uma gaiola contendo dois ratos esfomeados, que se rasgavam um ao outro em pedaços enquanto ele se punha em clímax.

Dispêndios: tema de interesse na empreitada proustiana. As partes que chamamos de malditas, no romance proustiano, são solicitadas pela ebriedade. O álcool autoriza a duração de um estado fora da razão. Os dispêndios excitados, postos em ação, “de saída do longo sono em que fermentam e enfraquecem” (Onfray, 1999: 71). A racionalidade apolínea e o excesso mediado pela embriaguez dionisíaca.

A adega reencontrada

No hotel de Balbec, após beberagens de prazeres claramente apreciáveis - doses de cerveja, champanhe e gotas de puro porto – Marcel era um homem novo, não era mais o neto de sua avó (Proust, 2006a: 460). Aquela avó que via o neto morrer alcóolico pelas prescrições médicas para sufocações: “que tomasse cerveja, champanhe ou conhaque

[apenas] quando sentisse aproximar uma crise. Para que minha avó permitisse que me dessem bebida, muitas vezes me via obrigado a não dissimular, a quase ostentar meu estado de sufocação”. (Proust, 2007: 95)

Água que contém fogo e que provoca convulsões involuntárias: o álcool. Substância que instala calor na cavidade do peito. É combustível e, por isso, como destaca Bachelard, “imagina-se sem dificuldades que as pessoas que se entregam às bebidas espirituosas tornam-se de algum modo impregnadas de matérias inflamáveis” (Bachelard, 2004). O que o torna alvo de seres que exalam a tóxica moralina nietzschiana, que culpabilizam e moralizam a volúpia da boca. Enunciam e generalizam receitas, batalham contra as apetências de vida, “contra suas paixões, suas inclinações boas e más, enquanto tem a vontade de poder e querem desempenhar o papel de senhor” (Nietzsche, 1992). São esses os que tentam arrebanhar homens e que existem desde que existem homens. Como quando, por exemplo, na Grécia Antiga, Alcebíades, o homem mais belo de Atenas, em dores pela paixão violenta por Sócrates, adentra ao Banquete embriagado e é censurado pelos seus pares, que teciam naquela noite um elogio ao amor. “-Boa noite, alegre gente! Aceitareis como companheiro a um homem que já bebeu bastante?” (Platão, 2011). A ebriedade era o único meio de suportar aquela grande pena: Sócrates ao lado de Ágaton, o anfitrião. Alcebíades fala sobre a única verdade que conhece naquele momento: falar sobre o amor é falar de Sócrates. Faz, então, um belo elogio à Sócrates.

Na Recherche, Cottard, o médico, é um dos seres que exala moralina. Em um exercício normalizador de controle dos corpos, torna-se presidente da Liga antialcoólica, narrada em Busca. Desconhece que, como no caso de Alcebíades, algumas formas de embriaguez podem produzir belos feitos ou desnudar um “homem especial”, como comenta Marcel (Proust, 2007: 187). Exala generalizações, com pouco de ciência e muita vontade de poder, para compor, junto com os padres, a história daqueles que impedem de gozar. Temem os espíritos livres.

Independentemente de seus brados, na Recherche desfilam: cervejas, conhaques, cidras, licores, café misturado com rum para compor o mazagran ou café misturado com aguardente, para o glória. Vinhos, vinhos tintos, espumantes ou porto. Os bebedores proustianos, como bons alquimistas, deixam claro: uma poção exata para cada tipo de humor.

Como o som do triste fado, o Porto é melancólico. Marca o fim do gozo dietético, quase-morte. É bebericagem fúnebre em Eça de Queiroz, como quando Teodorico, carregado em luto, prepara pastéis e vinho do porto. Bebê-lo em pequeníssimas doses, gotas, lembram os venenos shakespearianos, que aprovam a vida até na morte: antídotos para dor, ressurreição para o amor, bem-estar caloroso (Queiroz, 2001). “Já bebera muito porto e, se ainda pedia mais, era menos em vista do bem estar que me trariam os novos

cálices do que por efeito do bem-estar provocado pelos cálices precedentes” (Proust, 2006a: 462).

Ou, como no espírito melancólico do Conde de Crécy, primeiro marido de Odette, um novo pobre, destituído de sua fortuna implacavelmente desperdiçada pela cocotte, e ainda grande conhecedor de uma ciência refinada. Pura melancolia.

O vinho é quente porque é sangue da matéria vegetal: a videira. É líquido fundamental dos humores proustianos. Um corpo vivo que sustenta os espíritos mais diversos, voláteis e leves. Leves porque nômades, desprovidos de razões estriadas, quando dele usufruem em demasia. Nasce um novo homem, sentia Marcel. Na intimidade da uva, ser redondo, dentro desta pequena esfera, o universo repousa. Não dilua! Água e vinho são líquidos inimigos. Misturá-los é coisa de boticário. Uma panaceia:

a videira, sendo a Rainha dos simples, nos apresenta essa quintessência em seu vinho, o mais excelente dos licores; essa quintessência adapta-se melhor ao nosso temperamento do que a dos outros vegetais, por causa de sua conformidade com nosso calor natural, e por reter poucos vestígios da terra: é por tais qualidades que ela tem a virtude de curar todas as doenças do homem, quando bem preparada, e de aumentar-lhe o calor. Sendo universal, ela aquece um temperamento úmido e frio, e refresca um temperamento quente e seco (Bachelard, 1990: 254).

O vinho é um universal que sabe tornar-se singular quando encontra aquele que saiba desvendar a sua alma. Como Charles Baudelaire, que traduz o canto dos vinhos presos nas garrafas: a alma do vinho promete vitalidade, felicidade e calor àquele que bebe, àquele que oferece seu corpo como templo a ser profanado. Diz ele, em um puro devir-vinho, em seu poema A alma do vinho (Baudelaire, 2002: 191):

[...] Porque eu sinto um prazer imenso quando baixo
À guela do homem que já trabalhou demais,
E seu peito abrasante é doce tumba que acho
Mais propícia ao prazer que as adegas glaciais.
Não ouves retinir a domingueira toada
E esperanças chalar em meu seio, febris?
Cotovelos na mesa e manga arregaçada,
Tu me hás de bendizer e tu serás feliz:
Hei de acender-te o olhar da esposa embevecida;
A teu filho farei voltar a força e a cor
E serei para tão tenro atleta da vida
Como o óleo que os tendões enrija ao lutador [...]

O vinho que desvenda esta alma na Recherche é o champanhe, panaceia de autoria do beneditino dom Pérignon (1638-1715), que, após inventá-lo, não cessou de buscar formas de conter a energia acumulada nas bolhas, que estouravam as garrafas. Uma garrafa mais espessa, a rolha de cortiça. Seus predecessores seguem buscando meios de

conter a energia transmutada aos corpos que celebram a “poesia das bolhas efêmeras” (Onfray, 1999). Que inauguram a chegada à mesa em transbordamento, a garrafa ejacula.

O champanhe é bebida aristocrática porque tem acesso livre a ambientes, ocasiões e mesas das mais diversas. O acesso é apenas limitado pelos seus meios de obtenção, que exigem sacrifício material. É a bebida que materializa dispêndio máximo e que, por isso, é signo de ostentação. Como sob os olhares desconfiados e escrutinadores do grupo do hotel de Balbec, cada recém-chegado deveria dar demonstrações de sua pretensa classe de origem, sob a pena de atitudes desdenhosas. “Talvez também pela mesma causa, por medo de, erroneamente, serem, serem considerados menos chiques, [...] almoçava com champanhe e ia, pálido, impassível, um sorriso de indiferença nos lábios, lançar no Cassino, sobre a mesa do bacará, somas enormes que ele não dispõe de meios para perder” (Proust, 2006a: 306).

O champanhe também celebra o amor entre Robert e sua então amante Rachel, uma prostituta outrora conhecida por Marcel como Rachel quando do Senhor. Um vinhozinho espumante, que não champanhe, era servido pelo avaro complexo social Bloch, os judeus da Recherche. Ainda que ricos, sua avareza os obriga a servirem jantares detestavelmente miseráveis, com a exceção dos momentos em que Nissim, tio de Bloch, empreende suas viagens para infidelidades culinárias em Balbec (Proust, 2006a). Há, ainda, um cavalheiro gordo, que no bordel de Mainville, cada vez mais procurado por homens, vive continuamente a “beber champanhe em companhia de rapazes”. A cafetina da casa, assistindo ao espetáculo do devorador de bolhas, comenta da possível homossexualidade de Saint-Loup e do jovem Cambremer: “Coitadinhas das noivas! Mas, se o senhor os conhece, deve trazê-los a esta casa. Aqui terão tudo o que desejarem” (Proust, 2012: 316).

Que locais há, na Recherche, onde o álcool, sobretudo o champanhe, oferece o acesso para uma vida de despesas improdutivas?

Casas para consumo abjeto: Noé e Albertine descobrem suas vergonhas

O álcool guia os personagens proustianos a tais casas, que poderíamos denominar de casas para consumo abjeto partindo de um dos monólogos de Marcel. Falando com tom sádico sobre uma satisfação que se sabe seguida de posterior tristeza, como quando no momento em que conhecera Albertine, menciona os prazeres mundanos e o consumo de alimentos abjetos, como capazes de causar esta fruição. Ali ocorre a contemplação fugidia de um ser-mais, mediada pelo emprego do álcool (Proust, 2013: 217).

No livro sagrado das grandes religiões monoteístas ocidentais, a Bíblia, o álcool, o vinho especificamente, faz com que Noé descubra suas vergonhas. Como diz Michel

Onfray (1999), o álcool é via de acesso para os testículos. Após o dilúvio, Noé passa a lavar a terra. Planta uma videira. Seu fruto lhe é aprazível, o que o leva à embriaguez. Diz assim o texto bíblico de Gênesis, capítulo 9, versículo 21: E bebeu do vinho, e embebedou-se; e descobriu-se no meio de sua tenda.

Ao embebedar-se, Noé percebe-se, desnuda-se, descobre seu sexo. O relato sagrado seguramente não narra os detalhes entre o beber e o desnudar-se ou que razões teriam feito Noé desnudar-se. Uma narrativa proustiana, certamente, não pouparia tais desdobramentos alcóolicos. O que o escrito do Gênesis faz é relacionar o álcool e a assunção que Noé tem de seu sexo. Ele descobre-se. Cã, igualmente. E ri, provavelmente, por, diferentemente de seus irmãos, Sem e Jafé, que se empenharam em cobrir seu pai, ter percebido o despertar de um acesso que ensinaria à humanidade as vias do prazer. Seu pai o amaldiçoa e o torna servo de seus irmãos.

Proust, conhecedor destas vias, as deixa sempre bem visíveis na Recherche. Como quando relata os efeitos do álcool sobre Albertine. Seu estado ébrio guardava o segredo de seu acesso e de suas descontinuidades eróticas, projetadas em Marcel:

Depois que Albertine havia bebido a sua garrafa de cidra; parecia então não mais suportar entre nós dois um intervalo que habitualmente não a incomodava; sob a saia, as suas pernas apertavam-se contra as minhas, aproximava de minhas faces as suas faces, que se haviam tornado pálidas, quentes e vermelhas nos pomos, com algo de ardente e de fanado como o têm as mulheres de arrabaldes (Proust, 2008: 478).

O álcool promovia um encontro destes acessos, como tão bem fazia com as mulheres de arrabalde, nos bordéis deslocados do centro de Paris. Verdadeiras heterotopias proustianas, geografias do desvio.

Heterotopias proustianas

Michel Foucault, em 1986, traz à tona a discussão do espaço. Para ele esse era um dos grandes temas da atualidade, visto vivermos em um tempo de justaposições, do próximo e do longínquo, da relação. Comenta a heterogeneidade dos espaços, conforme exemplifica com as descrições fenomenológicas bachelardianas. E, convida para uma reflexão sobre o espaço de fora, espaços, que em relação com todos os outros, suspendem, neutralizam ou invertem o conjunto de relações pensadas. Ou seja, são espaços em relação com todos os outros, contradizendo, no entanto, todos os seus posicionamentos. São as heterotopias (Foucault, 1986).

As utopias são heterotopias, denominadas por ele como espaços essencialmente irreais. Há, ainda, as heterotopias propriamente ditas e, dentre elas, as heterotopias de desvio: que localizam em um espaço indivíduos com comportamento desviante em relação à norma exigida. Por exemplo, os bordéis para homens, que inscrevem uma tripla inversão na moral inscrita hegemonicamente: homens casados em relações

extraconjugais, sem fins reprodutivos e, finalmente, com outros homens. Tome-se como exemplo, Robert Saint-Loup, tutorado por seu tio Charlus: homem viril, fardado, casado com Gilbert Swann, o rei do rendez-vous gay na Recherche.

O bordel, para Foucault, é uma heterotopia que tenta, por inversão, criar um espaço de ilusão: frente a todos os posicionamentos traçados no interior da compartimentalizada vida humana, ele cria um espaço desorganizado, confuso, onde é possível transbordar-se, onde é possível elevar-se ao impossível e beirar uma desordem mortal, como comenta Bataille: “no momento de febre sexual, nos conduzimos de maneira oposta [a nossa posição no plano social]: gastamos nossas forças sem medida e, por vezes, na violência da paixão, dilapidamos sem proveito recursos consideráveis”. (Bataille, 2013: 197)

A heterotopia tem o poder de justapor vários posicionamentos em um só: Charlus e o filho do criado, o leiteiro, o apache (Foucault, 1986); Saint-Loup e o garçom Aimé, Morel; Albertine e suas orgias: o signo da perfeita inversão. (Bataille, 2013). Esses outros espaços oferecem, enfim, um abrigo para sexualidade que foge à norma, sem deixá-la inteiramente ao ar livre: em arrabalde. São sistemas que a isolam, mas que a deixam penetráveis.

Estes outros espaços, que abrigam as despesas improdutivas na Busca, aparecem sob a forma de restaurantes, muitas vezes deslocados da cidade, de arrabalde, como no caso de Nissim Bernard (Proust, 2008, p. 298) ou como o restaurante da costa aonde iam, guiados pelo chofer, Charlus e Morel (Proust, 2008: 468); ou, ainda, o Restaurante em Rivebelle, frequentado por mulheres levianas (Proust, 2006a: 463); ou como o restaurante em Doncières, entre a hospedaria e a casa de pensão, onde Robert Saint-Loup pagara uma mulher para masturbá-lo: “Levaram-me os pratos em cima, a uma saleta toda revestida de madeira. A lâmpada se apagou durante a refeição; a criada me acendeu duas velas. Eu, fingindo não enxergar muito bem ao estender-lhe o meu prato, enquanto ela servia umas batatas peguei seu antebraço desnudo, como para guiá-la. Ao ver que não o retirava, acariciei-a; depois, sem pronunciar palavra, atrai-a de todo para mim, apaguei as velas, e então lhe disse que me manuseasse se queria ganhar algum dinheiro. Durante os dias que se seguiram, o gozo físico me pareceu que exigia, para ser saboreado, não só aquela mulher, mas também a saleta de madeira, tão isolada” (Proust 2007: 430).

Frente a todos estes locais, que elevam o binômio casudiano comida-sexo a graus de dispêndio, o rendez-vous permanece como a máxima heterotopia na obra de Proust (Casudo, 2004). Já ao princípio da gênese proustiana, tem-se Swann visitando casas de rendez-vous na esperança de descobrir algo sobre Odette. Marcel, que ao tentar justapor em um lugar vários posicionamentos, mesmo que incompatíveis, profana a mobília familiar: “doa móveis de sua falecida tia, Léonie, para casa de rendez-vous” (Proust, 2006b: 445). Ou as várias cenas em que Robert Saint-Loup aparece como aquele que

poderia ser chamado de geógrafo das heterotopias desviantes dos bordéis (Proust, 2006a: 189). Dominava a ciência heterotópica: em casa da duquesa, sua tia, rende um elogio ao rendez-vous, sabia onde estavam os locais certos, de mulheres do rendez-vous com estirpe nobre (Proust, 2008: 122- 123). Pura nata. Além de belos garotos.

Os ‘heterotopos’ se alimentam dessas inversões, que produzem Saint-Loup verdadeiro cavalheiro, marido adorável, pai de uma prole invejável, habitava uma dobra em que repousava seu paraíso de inversão: flertava com os garçons, amava aquela volúpia caótica, mesmo sentado ao lado de Gilberte no restaurante (Proust, 2012: 339; 342). Os ‘heterotopos’ garantiam sua possibilidade de infração e, ao mesmo tempo, asseguravam a possibilidade de sua vida normal com todos os papéis que a ele foram delegados (Bataille, 2013: 136).

Relato de caso: vias de acesso ao bordel ou Charlus visita Mainville ou Charlus e o dispêndio do amor

Cena que sintetiza os dispêndios e o êxtase erótico e que marcam a derrocada do barão de Charlus no solo de Sodoma e Gomorra: em jantar na Raspelière oferecido por Madame Verdurin, anuncia-se a ruptura entre Charlus e Morel. Charlus, desolado, tenta trazer Cottard para junto de si, em uma atitude de cumplicidade e convida todos para uma saída para beber. Cottard, abstêmio, presidente da “Liga antialcoólica”, nega o convite. Enunciam-se o médico normalizador e o desprezo do clã Verdurin (Proust, 2008: 541).

Charlus, desconfiado das desculpas de Morel – cursos de violino, cursos de álgebra... – e em posse de algumas informações alheias sobre como usava as horas tardias que reservava para si, decide visitar o bordel de Mainville. Compra a cafetina do hotel e descobre o caso do Príncipe de Guermantes, seu primo, e Morel, seu amante. O príncipe oferecera ao jovem 50 francos para passarem a noite na, então, casa de mulheres: duplo prazer para o jovem: pelo dinheiro e “pela voluptuosidade de se ver cercado de mulheres cujos seios morenos se mostravam desnudos” (Proust, 2008: 547). Abstêmio, pede um suco de laranja, o que remete à máxima baudelairiana de Paraísos artificiais: “um homem que só bebe água tem um segredo a esconder de seus semelhantes” (Baudelaire, 2002: 355).

Charlus compra o direito de assistir à cena. Ficou em um quarto reservado, um salão transparente. A mulher oferece-lhe uma moça da casa, “uma mulherzinha inteligente”. Ele pediu que não o fizesse. Prevendo o que viria a seguir, a mulher lhe encomendou um champanhe que custava 40 francos a garrafa. Morel é flagrado pelo barão. Fica inanimado. Trêmulo sem conseguir levantar a taça que portava. As bolhas, que construíram o acesso de Charlus ao rendez-vous, seriam as mesmas que tentariam elevar o peso que passara a o afligir, ele seria testemunha de uma grande miséria. Sofria das duras penas do amor (Proust, 2008: 550).

Sua decadência, sobretudo no pós-guerra, época em que o ardiloso Morel começa a conhecer seu apogeu, foram dignas de uma tragédia. O barão fora condenado ao ostracismo pela divulgação de sua vida de dispêndios, trazida em parte à tona nos artigos de jornais, que começaram a publicar pequenas crônicas desmoralizantes, como “As desventuras de uma *douairière*¹ em atividade, a velhice da baronesa” (Proust, 2013: 100). Charlus aparece, por fim, irreconhecível aos olhos do narrador. “Infelizmente, contemolo desde já, logo no dia seguinte [após conversa com o narrador] o sr. de Charlus encontrou-se na rua cara a cara com Morel; este, para excitar-lhe o ciúme, tomou-o pelo braço e contou-lhe histórias mais ou menos verídicas, e quando o barão, desesperado, ávido da presença de Morel, ao menos por uma noite, suplicou-lhe que não o deixasse, ele avistou um camarada e despediu-se” (Proust, 2013: 115).

Charlus fora tragado pelo amor de Morel. Charlus já não era mais o mesmo. Da experiência com o amor nutrido pela violência fundamental de um tempo perdido, galgara o triunfo da morte e, pela morte, a continuidade. Fim.

Considerações finais

Marcel Proust, *A la Recherche*, comidas e bebidas, culinária para além das madeleines. Esses foram os trajetos que levaram até a descoberta de uma culinária indócil em Marcel Proust. Essa culinária é marcada pelos locais de desvio que interseccionam o consumo de álcool e outros dispêndios. Para além de um pertencimento de classe social, fica evidente com estas heterotopias do desvio, que falar de uma culinária indócil é marcar relações de consumo que são atravessadas por aquilo que é indissociável da constituição do humano. Neste caso, a embriaguez é a via de acesso a outros dispêndios eróticos que obedecem à lei da economia geral: há de se dilapidar o excesso. Uma lei que desobedece, inclusive, aos normalizadores de uma moral dietética, arrebanhadores de homens.

Sobre essa questão, percebeu-se na *Recherche*: abundantes referências a bebidas como cervejas, conhaques, cidras, licores, mazagran, glória, vinhos tintos, espumantes, porto; que o álcool autoriza o acesso do corpo ao que Michel Foucault chamou de heterotopias do desvio: os espaços de fora, que localizam indivíduos com comportamento desviantes em relação à norma, como por exemplo, os bordéis para homens, que inscrevem uma tripla inversão na moral hegemônica: homens casados em relações extra-conjugais, sem fins reprodutivos e com outros homens, como é o caso do personagem Robert Sanit-Loup; e que o corpo vive a dilapidação do excesso tanto ao consumir o álcool em si, desafiando os regimes do médico Cottard, que centraliza o discurso logocêntrico ao culpabilizar e moralizar a volúpia da boca, como ao acessar as heterotopias, sobretudo nas cenas de sadomasoquismo, como por exemplo quando Charlus, frequentador de bordéis, é surrado por Maurice, um dos jovens que trabalha na casa.

Pensar o corpo e seus limites envolve pensar também que as práticas de consumo alimentar, como produto humano, guardam não só o nutritivo e a matéria-prima, mas a desnutrição e a excrescência, o que aqui denominamos como culinária indócil: a compreensão de que tudo que há de mais humano em cada um de nós, a violência, o sadismo, a criação, o amor, também habita um comer para uma gorda saúde. O dono dessa gorda saúde seria capaz de redimir seu corpo do ideal dominante, abocanhar a existência em sua totalidade, libertar-se do peso de valores morais definidos outrora. Uma culinária indócil ao promover a saúde (do que viverá este corpo?) deve compreendê-la como a aptidão do sujeito para criar aquilo que falta

Referências

Obras analisadas

- Proust, M. (2012) *A fugitiva*. São Paulo: Ed. Globo.
- Proust, M. (1999) *À la recherche du temps perdu*. Paris: Éditions Gallimard.
- Proust, M. (2011) *A prisioneira*. São Paulo: Ed. Globo.
- Proust, M. (2006a) *À sombra das raparigas em flor*. Rio de Janeiro: Ed. Globo.
- Proust, M. (2006b) *No caminho de Swann*. Rio de Janeiro: Ed. Globo.
- Proust, M. (2007) *O caminho de Guermantes*. Rio de Janeiro: Ed. Globo.
- Proust, M. (2013) *O tempo redescoberto*. São Paulo: Ed. Globo.
- Proust, M. (2008) *Sodoma e Gomorra* São Paulo: Ed. Globo.

Obras citadas

- Alexander, P. (2007). *Marcel Proust's Search for Lost Time*. New York: Vintage Books.
- Bachelard, G. (2004). *A psicanálise do fogo*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bachelard, G. (1990). *A terra e os devaneios do repouso*. São Paulo: Martins Fontes.
- Barbosa, M. (2012). *Em busca da tradução consagrada de Mário Quintana*. Rio de Janeiro, UFRJ. Tese de doutoramento, 166f.
- Barthes, R. (2003). *Roland Barthes por Roland Barthes*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Bataille, G. (1989). *A literatura e o mal*. Porto Alegre: L&PM.
- Bataille, G. (2013). *O Erotismo*. Belo Horizonte: Autêntica Editora.

- Cascudo, C. (2004). *História da Alimentação no Brasil*. São Paulo: Global.
- Deleuze, G. (2007). *Dos regímenes de locos*. Valencia: Pre-textos.
- Deleuze, G. (2010). *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Fischler, C. (1995). *El (h)omnívoro*. Barcelona: Anagrama.
- Foucault, M. (1986). *Of others spaces*. *Diacritics*, 16(1), 22-7.
- Kristeva, J. (2005). *El tiempo sensible*. Buenos Aires: Eudeba.
- Lévi-Strauss, C. (2006). *A origem dos modos à mesa*. São Paulo: Cosac Naify.
- Menou, H. (2003). *La marginalité du baron de Charlus*. *Recherches sur l'Imaginaire*, 29, 65-80.
- Nietzsche, F. (1992). *Além do bem e do mal*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Onfray, M. (1999). *A razão gulosa*. Tradução de Ana Maria Scherer. Rio de Janeiro: Rocco.
- Platão. (2011). *O banquete*. Tradução de Jorge Paleikat. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Queiroz, E. (2001). *A relíquia*. São Paulo: Ateliê Editorial.

Notas

¹ Nota do editor da tradução: designação de senhora idosa da nobreza.